

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA**

Nilza Fernanda de Sousa

**AMOR ENTRE “IGUAIS” NO ESTABELECIMENTO PENAL DE PARANAÍBA (MS)
(EPPAR)**

Paranaíba, MS
2017

Nilza Fernanda de Sousa

**AMOR ENTRE “IGUAIS” NO ESTABELECIMENTO PENAL DE PARANAÍBA (MS)
(EPPAR)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, como exigência parcial para licenciatura do curso de Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz Athayde de Oliveira Paes.

Paranaíba, MS
2017

S716a Sousa, Nilza Fernanda
Amor entre “iguais” no estabelecimento penal de Paranaíba (MS)
(EPPAR)/ Nilza Fernanda Souza. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2017.
31f.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) –
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de
Paranaíba.

1. História oral. 2. Memória. 3. Educação. I. Sousa, Nilza Fernanda.
II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba,
Curso de Pedagogia. III. Título.

CDD – 370.9

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

NILZA FERNANDA DE SOUSA

**AMOR ENTRE “IGUAIS” NO ESTABELECIMENTO PENAL DE PARANAÍBA (MS)
(EPPAR)**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Aprovado em/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes (orientador)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Me Dabel Cristina Maria Salviano
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Me Radaí Cleria Felipe Gonçalves
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Dedico esse trabalho a minha família e amigos
que sempre me apoiaram neste percurso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me possibilitou ter essa oportunidade de vivenciar esse acontecimento de ingressar a universidade.

À minha família que sempre esteve ao meu lado me apoiando, me fazendo ver a importância de se obter o conhecimento por meio dos estudos.

À minha mãe, Aparecida, por me motivar a cada momento difícil que houve nesse percurso.

À minha filha, Sofia Vitória, a qual me fez continuar e concluir esse ciclo, que por várias vezes me apoiou de maneira singular.

À minha irmã Nilma que é referência de luta, força e garra, a qual me fez ver que eu era capaz de ingressar em uma universidade.

Ao meu orientador Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes que carinhosamente me permitiu essa experiência inexplicável de poder conhecer mais a realidade da sexualidade na sociedade. Pelos momentos de aprendizagens que tive com ele, mostrando sempre a minha capacidade de continuar lutando em cada dificuldade, pelas críticas construtivas que me fez observar as minhas potencialidades.

A universidade Estadual de Mato grosso do Sul (UEMS) e seu corpo docente e administração que sempre esteve pronto a me ajudar.

Aos meus entrevistados, Lucas e Bia (nomes fictícios), que sem eles seria impossível à elaboração desse trabalho.

Ao diretor do Estabelecimento Penal de Paranaíba (EPPAR), o senhor José Ronaldo da Silva, que nos possibilitou o contato com os entrevistados envolvidos.

A minha amiga Susy, que me ajudou de maneira única nesse processo.

Ao meu colega de Jefferson, que sempre esteve disposto a me ajudar em cada dificuldade encontrada.

Ao meu companheiro de vida Eliezer, por estar me motivar a terminar o curso de pedagogia.

As minhas amigas Suelem, Jessica, Jaciene, Samara, Diene, Victoria, Talita e Viviany, Nathalia, aos quais agradecerei sempre, pois com cada uma tive uma experiência espetacular, pois elas me apoiaram e me incentivaram a não desistir do curso de Pedagogia.

Sou eternamente grata por cada abraço e paciência que tiveram comigo, a eles, o meu eterno obrigada!

As melhores coisas da vida não estão guardadas em cofres ou registradas em cartório, mas guardadas no coração e registradas na memória.

(Ana Coralina)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo conhecer a trajetória de vida, desde infância, escolarização de dois indivíduos, sendo eles Lucas (heterossexual) e Bia (transexual), Lucas se encontra detido no Estabelecimento Penal de Paranaíba (EPPAR), e sua companheira Bia, já em liberdade, os nomes citados são fictícios, para garantir aos envolvidos o seu direito de privacidade. Relatando como se conheceram e se apaixonaram no estabelecimento penal. Para tanto, serão apresentadas relatos da vida de ambos, com o intuito de conhecer essa trajetória, abordando a influência do espaço penal na relação do casal. E se há ou não preconceito por parte de seus colegas de confinamento. E analisando se existe ou não um local adequado para esse tipo de relacionamento dentro da penitenciária, pensando em medidas que possam ser implantadas para que o espaço seja respeitado. A metodologia e fundamentos teóricos utilizados para a realização deste trabalho é a história oral, e o meio que pautamos para registrar os fatos, foram as entrevistas. Vale-se ressaltar a importância da história oral, pois a mesma nos possibilita uma construção de fatos, ideias e vivências, assim registrando as narrativas das experiências humanas. A memória exerce um auxílio fundamental para que podemos conhecer e eternizar os pontos relevantes da construção social e o processo de identidade de um indivíduo. Oferecendo assim subsídios para possíveis pesquisas nas áreas do conhecimento. É possível considerar que o Estabelecimento Penal de Paranaíba não está preparado para acolher detentos com essa diversidade de gênero.

Palavras-chave: História Oral. Memória. Educação.

ABSTRACT

The present paper is aimed to show the life trajectory, since childhood and schooling of two individuals, called Lucas(heterosexual/straight) and Bia(transgender woman), Lucas is held in Paranaíba Penal Institution (EPAR), and his partner Bia, already in freedom. The mentioned names are fictitious, in order to ensure the involved ones their right to privacy. Reporting how they met each other and fell in love inside the criminal establishment. Therefore, reports on life stories of both will be presented, in order to know this trajectory, addressing the influence of the criminal space on the couple's relationship. And if there is or not prejudice from his confinement colleagues. Analyzing as well, the existence or not of a suitable place for this type of relationship inside the penitentiary, thinking about measures that can be taken to ensure that space is respected. The methodology and theoretical groundwork used to carry out this work is the oral history, and the means used to register the facts were interviews. It is worth emphasizing the importance of oral history, since it enables us to construct facts, ideas and experiences, thus recording the narratives of human experiences. The memory exerts a fundamental aid so that we can know and preserve the relevant points of the social construction and an individual identity process. Offering, this way, subsidies to future researches in the fields of knowledge. It is possible to consider that the Penal Institution of Paranaíba is not prepared to receive inmates with this gender diversity.

Key-words: Oral History. Memory. Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 HISTÓRIA ORAL.....	14
1.1 História Oral: e a sua história	14
1.2 Principais Aspectos Históricos	15
1.3 História Oral Como Metodologia.....	16
1.4 História oral e memória	18
2 INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO	21
2.1 Infância e Escolarização: relatos de vida do Lucas	21
2.2 Infância e História de vida.....	21
2.3 Escolarização.....	22
2.4 Infância e Escolarização: relatos de vida da Bia	23
2.5 Infância e História de Vida.....	23
2.6 Escolarização.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICE - TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL.....	31

INTRODUÇÃO

O interesse de conhecer essa realidade foi devido a dificuldade de achar materiais que relatam as histórias de vida de detentos e transexuais, e como o sistema penitenciário vem abordando essa diversidade de gênero presente nos dias atuais. No 3º ano do curso de Pedagogia surgiu o interesse pelo os assuntos de gêneros, e as dificuldades enfrentadas por travestis no sistema penitenciário, com isso tive varias conversas com meu orientador, com o Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde, conversamos sobre a minha curiosidade em saber mais como o sistema penitenciário aborda essa convivência com detentos travesti e assim, decidimos nos aprofundar a esse tema. A escolha do tema, nos faz dar voz e vez para essa população carcerária, para que seja vista e respeitada pela sociedade. Abordando suas experiências, e se há ou não preconceitos enfrentados dentro desse sistema. Quando amadurecemos a idéia de se pesquisar sobre o assunto, tivemos contato primeiramente com o diretor do Estabelecimento penal de Paranaíba (EPPAR), o senhor José Ronaldo da Silva, onde a informação de que naquele momento havia sim no estabelecimento um casal com o perfil que procurávamos. Para se chegar à fase das entrevistas tivemos muitas outras visitas, com o intuito de enfim ter um contato mais próximo com o Lucas. Pois infelizmente ainda existe a resistência por parte de algumas pessoas quando falamos que daremos voz a esse tipo de indivíduo, venerável ao preconceito da sociedade essa população carcerária merece ser vista e ter o direito de manifestar seus pontos de vistas e sua história de vida.

E nesse tempo também fomos atrás de alguns transexuais que estavam no semiaberto, pois a resistência em se autorizar as entrevistas com o Lucas era evidente, mais não obtivemos sucesso em ter um conto mais próximo, talvez seja o medo de falar sobre a sua trajetória de vida, os preconceitos enfrentados por sua orientação sexual, ou o medo de ser julgado por outras pessoas.

Depois de muita insistência do meu orientador e minha tivemos a autorização do diretor do estabelecimento penal para termos contato com o Lucas.

Mediante à falta de trabalhos que apresentem a história de vida de detentos transexuais, viu-se a necessidade de pesquisar sobre o tema. Sendo assim, optou-se por apresentar a história de vida desses indivíduos.

Fazendo assim um oferecimento de fonte para futuras pesquisas no campo da educação e dos estudos de gênero e da diversidade sexual. Apoiando há História oral que nos permite estudos que justificam que as ‘vozes’ dos sujeitos são valorizadas por si só valorizando culturas e sujeitos silenciados.

O presente trabalho apresenta a história de vida de um heterossexual, com 27 anos, que se encontra detido no Estabelecimento Penal de Paranaíba (EPPAR) e sua companheira transexual de 27 anos. A partir da metodologia da história oral, buscou-se conhecer a trajetória do casal a partir da sua história de vida e escolarização.

Chauí (1984) utiliza do entendimento da repressão para melhor explicar como a sexualidade humana se manifesta em sociedade e como podem surgir os mecanismos de rejeição ao desvio dos padrões sociais.

A história, a cultura, a igreja, e a repressão sexual modificam as normas relativas à sexualidade humana, tornando-as alguns momentos, bastante flexíveis, em outros, extremamente rígidas, no entanto, observa-se que as diversas condutas sexuais apresentadas pelos sujeitos, em dados momentos são aceitas, mas em outros são reprimidas e, para as práticas e comportamentos desviantes e não aceitos, as punições aos praticantes eram e ainda são severas, como o que se presencia nos dias atuais, situações como a exclusão, a discriminação, o ostracismo e até a violência. (CHAUÍ, 1984, p.77).

A violência nas penitenciárias contra os homossexuais é crescente, sendo que a dimensão e a gravidade de tais atos são ocultadas pelos próprios companheiros de confinamento, uma vez que o preconceito dentro dos presídios e os enfrentados por homossexuais que vivem em liberdade, também merecem atenção. Mas quando se trata de indivíduos que estão privados de sua liberdade, estamos falando de violência, que limita o contato e até mesmo a vontade de conviver com o outro, onde o preconceito é apenas a “ponta de um iceberg”, pois temos como exemplos maus tratos, discriminação, abuso sexual, entre outras expressões da violência.

Para melhor compreender as discussões apresentadas neste trabalho, é preciso conceituar alguns termos que serão apresentados no decorrer deste trabalho. Inicialmente, destaca-se que o termo sexo corresponde àquilo que está ligado ao biológico, portanto é definido pelo órgão sexual, sendo divididos em macho e fêmea. O macho é aquele que possui pênis, e a fêmea a que possui vagina. A partir das relações estabelecidas e a forma que se julga o sexo, desenvolve-se a sexualidade, ou seja, o conjunto de características do masculino e do feminino, sendo o primeiro ligado ao macho e o segundo à fêmea e definidos como gênero. (GUIMARÃES, 1995).

Os órgãos sexuais dos indivíduos nem sempre representam a identidade que o mesmo se identifica, haja visto que devemos considerar como esse sujeito se define, respeitando sempre a sua sexualidade e a diversidade de gênero.

Dentro deste universo, a homossexualidade é considerada uma prática sexual entre pessoas que possuam o mesmo sexo, ou seja, possuam as mesmas características biológicas, independente do gênero. Há a homossexualidade masculina, no caso de relações entre dois sujeitos machos, e a homossexualidade feminina, no caso de relações entre dois sujeitos fêmeas. A heterossexualidade é, portanto, a relação entre um sujeito macho com uma fêmea, e, bissexualidade, o sujeito que se interessa em manter relações sexuais ou afetivas pelos dois sexos. (COSTA, 1994).

Quando o indivíduo entra em conflito com a sua identidade sexual e a sua identidade de gênero há o que chamamos de transexualidade, onde o sujeito não se identifica com o seu órgão sexual. Nestes casos, o homem se sente uma mulher e não reconhece o seu órgão (pênis) ou a mulher não se sente mulher e não reconhece seu órgão (vagina). Portanto, na transexualidade há um conflito entre o biológico e o construído socialmente (BENTO, 2006).

É preciso destacar que a transexualidade está ligada à condição do indivíduo quanto a sua identidade. A identidade sexual está ligada ao desejo do indivíduo. Em alguns casos, ocorre a cirurgia para troca de sexo, neste processo há a necessidade de acompanhamento psicológico no mínimo de 2 (dois) anos. Em outros casos, há apenas a feminilização ou masculinização, de acordo com indicação médica e desejo da pessoa. (BENTO, 2006).

Neste sentido, a homossexualidade, a bissexualidade e a heterossexualidade são consideradas como orientação sexual. Ou seja, com quem os sujeitos se relacionam e sentem atração sexual. Independente da orientação sexual, a capacidade de amar e a de preservação de um relacionamento estável ou não, são as mesmas. Hoje, na cultura, é comum a nomenclatura utilizada para os sujeitos do sexo masculino, que se relacionam sexualmente entre si, os quais são chamados de “gays”, e os do sexo feminino, “lésbicas”. (MATIAS; SILVA, 2011).

As relações sociais entre o masculino e o feminino, na atual cultura, são muito díspares. O masculino ainda é considerado superior ao feminino, e foi durante muitos séculos.

A luta das mulheres, por meio dos movimentos feministas, vem tomando força durante os últimos séculos. Ainda há muito a ser feito, e as desigualdades precisam diminuir ao ponto de não existirem. (LOURO, 1997).

Ademais, verifica-se as diferenças de gênero encontradas dentro dos presídios brasileiros, os quais, na maioria das vezes, não possuem ala separada para transexuais. Salienta-se que colocar um transexual masculino em uma ala feminina ou uma transexual feminina em uma ala masculina é mais uma vez colocar a pessoa em um lugar que ela não se reconhece. Uma violência contra a identidade da pessoa.

Segundo Oliveira (2011) chama atenção para a situação dos sujeitos homossexuais e transexuais em presídios. Além da vulnerabilidade em ocupar um lugar social "mal visto" como o de detento, os sujeitos homossexuais e transexuais sofrem duplo preconceito, pois ocupam dois lugares sociais "mal vistos".

Sendo assim, justifica-se a necessidade de explorar o assunto no âmbito acadêmico, visto que discussões precisam ser feitas para que estratégias sejam traçadas e medidas práticas de apoio à diferença de gênero nos presídios sejam tomadas. A história de vida dos sujeitos da pesquisa contribuirá para futuras pesquisas que virão, principalmente no respeito à voz dos sujeitos entrevistados. Assim, este texto consiste em apontar novas reflexões sobre as dificuldades encontradas pelo casal dentro e fora do presídio e por outros que poderão vivenciar essas experiências.

Este trabalho é fundamental, pois denuncia o quanto a sociedade ainda oprime e castiga o sujeito em vulnerabilidade. Se há preconceito com homossexual e travestis "em liberdade", nos presídios este preconceito é dobrado, pois a condição assumida também é marginalizada. (OLIVEIRA, 2011).

No capítulo 1 (um), faremos um breve desenvolvimento histórico da história oral no Brasil, posteriormente utilizaremos a história oral como uma metodologia de pesquisa, e por fim, a memória e sua relação com a história oral.

1 HISTÓRIA ORAL

1.1 História Oral: e a sua história

Nas últimas décadas do século XX, a história oral tem sido uma das metodologias de pesquisas, e de constituição de fontes para que se possa compreender o processo de construção do conhecimento sobre o passado. Ela consiste não só em privilegiar a história de homens que tiveram grandes feitos, mas uma estratégia de ouvir experiências e ampliar o conhecimento daqueles que são conhecidos como memória e que em algum momento construíram sua história na sociedade. (FREITAS, 2006; MATOS; SENNA, 2011).

A história oral é definida por Freitas (2006, p. 2) como: “um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”, ou seja, é uma história oral utilizada da narrativa ou uma história baseada nas experiências contadas. Sendo assim, a história oral tem como objetivo a construção de fonte histórica a partir da narrativa.

Segundo Freitas (2006) apresenta que a história oral pode ser dividida em três gêneros distintos. São eles: tradição oral, história de vida, história temática.

A tradição oral pode ser considerada como tudo que uma determinada população considera importante para a permanência e bom funcionamento das relações. Tais tradições são passadas oralmente dentro das gerações como, por exemplo, as histórias infantis e as cantigas de roda.

Já a história de vida é um relato do sujeito pelo sujeito. É a reconstrução da história e experiências de vida a partir da ótica do próprio indivíduo. Para tanto, na maioria das vezes, são realizadas entrevistas, as quais são gravadas para posteriormente serem transformadas em texto.

Por fim, a história oral temática pode ser considerada como uma entrevista, com tema delimitado e realizada com grupos, sendo colhidos relatos sobre diferentes temas, sem necessidade de aprofundamento em determinado assunto.

Podemos observar assim, que a história oral nos fornece vários elementos, tais como a possibilidade de ampliar e aplicar essa abordagem em nosso objeto de pesquisa. Fazendo com que as tradições e acontecimentos importantes sejam transmitidos. Pois a reconstrução da história de um indivíduo pode ser eternizada de maneira que essas sejam documentadas e guardadas para possíveis consultas.

Para complementar a importância e a trajetória dos aspectos históricos da História Oral

serão apresentadas um breve resumo, sobre sua trajetória, onde poderemos entender melhor como essa evolução da história oral nos possibilitou tantas conquistas, das quais temos nos dias de hoje.

1.2 Principais Aspectos Históricos

A história oral é tão antiga quanto a própria história. A moderna história oral é aquela cujo objetivo é coletar depoimentos pessoais, por meio de gravadores, utilizando a entrevista como técnica. (FREITAS, 2006; MATOS; SENNA, 2011).

De acordo com Freitas (2006, p. 06):

A primeira experiência da História Oral como uma atividade organizada é de 1948, quando o Professor Allan Nevis lançou o *The Oral History Project*, na Columbia University, em Nova Iorque. Hoje, o *Oral History Research Office*, da Columbia University, possui uma coleção de mais de 6.000 fitas gravadas e mais de 600.000 páginas de transcrição. Esse material é consultado anualmente por mais de 2.500 pesquisadores segundo informações do próprio órgão. O OHRO tornou-se uma referência fundamental na área, quer pelo seu expressivo acervo, quer pelo dinamismo de seus projetos voltados à temática e linguagem bem atuais, tais como a questão das minorias, multiculturalismo, movimento estudantil, etc.

Como apresentado na citação, o primeiro relato oficial de uso da história oral ocorreu em 1948 em Nova Iorque. Porém, o maior destaque da história oral foi em 1967 com a fundação da *Oral History Association* (OHA) e posteriormente com a consolidação dos programas de história oral nos Estados Unidos. Hoje em dia, a história oral encontra-se consolidada como metodologia em diversos países, além de fazer parte do currículo escolar em diferentes instituições. (FREITAS, 2006).

No Brasil, a história oral chega nos anos de 1971, inicialmente no Museu da Imagem e do Som, a partir de experiências particulares relatadas no museu. Porém, considera-se como principal acervo da história oral brasileira, o setor de história oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDO, que pertence à Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, desde 1975. Acredita-se que o golpe militar de 1964 “atrapalhou” a entrada imediata da história oral no Brasil. (MATOS; SENNA, 2011; FREITAS, 2006).

Essas transformações que houve com o reconhecimento da história oral no Brasil nos permitiu a bagagem históricas que temos hoje, pois esses acontecimentos fez com que a história oral ganhasse a visibilidade merecida.

A história oral nos possibilita o registro de informações por meio de fatos contados por seu próprio protagonista, pontuando assim uma bagagem social desse indivíduo. É um método de pesquisa onde são articulados meios para que se possam efetuar os registros de narrativas, apoiando-se também na entrevista, e esses registros são vivências e experiências da vida humana. (FREITAS, 2016).

Segundo Queiroz (1983, p. 16):

Histórias de vida e depoimentos pessoais, a partir do momento em que foram gerados passam a constituir documentos como quaisquer outros, isto é, definem-se em função das informações, indicações, esclarecimentos escritos ou registrados, que levam a elucidar questões de determinadas questões e funcionam também como provas.

Sendo assim, podemos pontuar a importância da história oral para a narração e constatação de informações, não só em documentos, como também em entrevistas, da quais cabe informar e esclarecer os assuntos tratados, seja problematizando, analisando os assuntos em questão ou fazendo uma releitura do passado.

Quando falamos de documentos a serem trabalhados nessa pesquisa, estamos também nos referindo à história de vida, à carta, e dentre outros meios de se contar uma história, podendo articular vários tipos de documentos para se chegar em seus objetivos.

Considerando a importância da proposta por Ken Plummer (1983, p. 28) “Na busca de características de uma coletividade, a realização de depoimentos pessoais permite-nos captar, a partir das reminiscências, o que as pessoas vivenciaram e experimentaram”. Quando citamos as memórias, estamos nos referindo também a mitos, lendas e contos que foram passados entre gerações, apoiando-nos, também, na sua grande maioria, na memória. O próximo tópico dedica-se a apresentar a importância da construção das entrevistas.

1.3 A história Oral Como Metodologia

Freitas (2006) enfatiza que para a utilização da história oral como uma metodologia, o primeiro passo é a elaboração de um projeto que consista em definir o propósito da pesquisa e as fontes utilizadas, neste caso quem será entrevistado. Nesta etapa a memória é fundamental, pois é ela quem vai garantir uma história coesa e rica em detalhes.

Outro aspecto a ser tratado a respeito da pesquisa com história oral é o conhecimento do objeto e também uma boa revisão bibliográfica sobre o tema, a fim de melhor conduzir as entrevistas, o que pode ser feito com o auxílio de um roteiro geral, contendo o caminho da

entrevista, assim como as principais perguntas a serem feitas. Deve-se tomar cuidado para que as perguntas não sejam sugestivas e também ao ouvir as respostas o entrevistador não tenha nenhum juízo de valor. De maneira geral, as perguntas devem ser mais claras e objetivas possível. (FREITAS, 2006).

A preparação da entrevista merece atenção, devendo estar presente o projeto de pesquisa, a elaboração dos roteiros das entrevistas, uma organização prévia para que de tudo certo.

O projeto deve tentar definir que tipo de pessoa será entrevistada, de acordo com os seus requisitos, como definição do “bom entrevistado”, de acordo com Camargo (1976, p. 183):

Aquele que, por sua percepção aguda de sua própria experiência, ou pela importância das forças que exerceu, pode oferecer mais do que o simples relato de acontecimentos, estendendo se sobre impressões de época, comportamento de pessoas ou grupos, funcionamento de instituições e, num sentido mais abstrato, sobre dogmas, conflitos, formas de cooperação e solidariedade grupal, de transação, situações de impacto etc. tais aspectos transcendem o âmbito da experiência individual, e expressam a cultura de um povo, país ou Nação, chegando, a partir de categorias cada vez mais abrangentes – porque não? – ao denominador comum à espécie humana.

Neste sentido, uma boa entrevista é capaz de revelar mais do que um simples relato, mas também sua percepção de vários contextos diferentes. Sendo assim, uma boa preparação da entrevista é fundamental, para que dela seja extraído o máximo de relato possível.

Realizada a entrevista, o entrevistado deve assinar um termo de consentimento de doação do seu depoimento. É fundamental que as questões de respeito e ética sejam respeitadas durante uma pesquisa de história oral.

Vale ressaltar, também, a importância da tecnologia de gravação, sendo que é o meio mais usado na história oral, sendo visto como “documento-monumento”, conforme definido pelo historiador francês Jacques Le Goff (1984). O documento como resíduo imparcial e objetivo do passado, o monumento, teria como característica a intencionalidade, que é construído para perpetuar a recordação.

Deve se levar a história oral como o início de uma construção de ideias, fatos e vivências, sendo um historiador crítico, analisando o depoimento para que construa uma pesquisa e entrevista pautada na informação e na veracidade dos relatos, se necessário comparar as entrevistas com outros documentos, assim se constrói a história oral, que visa conhecer a história ou o objeto de pesquisa, valorizando as experiências, a subjetividade, os dados e valores, memórias que nos possibilitam a construção da identidade, onde tudo transita

pela linguagem, sendo ela escrita ou oral. Assim, é de suma importância a organização da entrevista para que haja um consenso e harmonia na obra finalizada. E para que haja a construção da história oral e os fatos contados, é necessário que exista a memória como mecanismo para se tornar o passado algo presente, preservando assim as experiências do indivíduo.

1.4 História Oral e Memória

Alberti (1990) apresenta que a memória tem fundamental papel na história oral, visto que a mesma pode tornar o passado algo recente. Segundo Bosi (1994, p. 48) a partir da memória “o passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente”.

Considerando que a história oral tem como base os relatos, a lembrança é fundamental, pois é a partir das lembranças que os relatos são construídos. A história oral leva em consideração a memória coletiva, ou seja, a soma de todas as experiências do indivíduo (FREITAS, 2006; BURKE, 2000).

A respeito da memória, Freitas (2006, p. 15) salienta que esta deve ser considerada.

Como propriedade de conservar certas informações, através de um conjunto de funções psíquicas e cerebrais. Nesse sentido, a memória – como produto de uma operação mental – é um mecanismo muito complexo ainda hoje muito pouco conhecido,

Mesmo para as outras ciências que a ela se dedicam, tais como: a Neurologia, a Psiquiatria e a Psicologia. A seletividade e o esquecimento estão presentes no processo da memória.

Neste sentido, a memória pode ser definida como a capacidade de preservar informações por meio de funções psíquicas e orgânicas. Outro aspecto apresentado na citação é o esquecimento e seletividade da memória. O esquecimento causa, muitas vezes, lapso nas histórias, perdendo informações muitas relevantes. Já a seletividade está relacionada à capacidade da memória selecionar uma lembrança específica entre várias outras.

De acordo com Neves (1998, p. 34):

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação.

A citação nos apresenta a importância da memória nos diferentes âmbitos, pois a mesma funciona como um registro dos acontecimentos, sendo acessada por intermédio das lembranças que a memória traz.

Sendo assim, Nora (1993, p. 09 apud MATOS; SENNA, 2011, p. 103) apresenta que:

Os estudos da memória são fundamentais para conduzir às reflexões, o que traz desdobramentos teóricos e metodológicos importantes. De acordo com Pierre Nora, A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...].

A memória tem infinitas particularidades que a tornam um fenômeno muito frutuoso para a história, visto que é ela quem preserva as informações do passado, tornando-as atuais. Isto proporciona, por exemplo, profunda reflexão sobre o passado e com isso a produção de conhecimentos teóricos e metodológicos. A memória é um dos principais pilares da história oral. É fundamental a sensibilidade para que o pesquisador estimule e conduza a entrevista com bastante critério, a fim de buscar as mais fidedignas lembranças.

Freitas (2006) apresenta que o termo “memória” vem sendo discutido na tentativa de defini-la desde a Grécia Arcaica, nas narrativas míticas, até as definições de Aristóteles e Platão a respeito da memória. Já na Idade Média, a memória sofre distintas transformações a partir das influências do cristianismo no conceito. Já durante o iluminismo, a memória é vista como algo “frágil” e por isso inferior, pois está intimamente ligada às emoções e ao afetivo. Hoje, a memória é amplamente pesquisada por diversas áreas de conhecimento, como a neurologia e psicologia.

A memória pode ser dividida em memória individual e memória coletiva. A primeira consiste nas lembranças e experiências individuais dos indivíduos a partir de relações com um grupo. Sendo assim, esta memória é a convergência de diversas variáveis sociais em um ponto, ou seja, o indivíduo. A segunda, ou memória coletiva, é tudo aquilo que um grupo compartilha entre os membros como lembranças comuns entre os indivíduos. A memória coletiva constantemente reconstrói o passado, tornando-o presente no cotidiano, e com isso, influenciando as relações e também a memória individual. (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993).

Bosi (1994, p. 39) apresenta que “[...] a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”, neste sentido a autora chama atenção para as lembranças individuais, nas quais registramos somente uma parte do todo, que pode ser compreendido como a memória social ou coletiva.

Assim, Thompson (2002) ressalta que a memória, seja ela coletiva ou individual, vai desempenhar o importante papel de preservar o passado. A partir desta preservação é possível compreender o que e por que nos tornamos quem somos e por que pensamos da forma que pensamos.

A identidade é um dos elementos constituintes do ser humano, é a partir da identidade que o sujeito vai ser capaz de dizer quem ele é, e de onde ele veio. A memória é constituinte do processo de identidade, ou seja, na construção das experiências particulares. Na dimensão pessoal, a memória vai garantir a nossa identidade e, conseqüentemente, a identidade do povo a qual pertencemos. (POLLACK, 1992).

A história oral nos possibilita conhecer uma realidade que por vezes se encontra silenciada, fatos que merecem ser contados, para isso temos como apoio de documentos e entrevistas gravadas e a lembrança do sujeito, que faz com que esses fatos sejam incorporados em seu percurso social.

No capítulo 2 (dois), será relatada a trajetória de vida de Lucas e Bia, onde podemos observar a influência do sistema penitenciário na vida dos envolvidos, se existe espaço adequado para o relacionamento de ambos, e se esse sistema comporta essa necessidade de respeitar os direitos de homossexuais e travestis. Conhecendo o convívio com os companheiros de sela, e as dificuldades encontradas pelo casal para uma possível conquista de seu espaço, e se existe discriminação por sua orientação sexual, com isso também abordando elementos que envolvam a sua infância, escolarização. e os momentos que fizeram importantes em suas vidas.

2 INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO

2.1 Infância e Escolarização: relatos de vida do Lucas

Esta entrevista ocorreu no Estabelecimento Penitenciário de Paranaíba (EPPAR), no período matutino, apresentando, assim, a história de vida de um detendo homossexual, sendo que num primeiro momento tivemos contato com o diretor do presídio, o qual nos encaminhou a uma sala mais reservada para o início da entrevista, lugar em que pudemos ficar mais a vontade com o Lucas (entrevistado). Sendo assim, ficaram no local o Prof. Fernando (orientador do trabalho de pesquisa), Nilza Fernanda (a pesquisadora). A entrevista teve três eixos norteadores, infância e história de vida, e escolarização.

As entrevistas foram gravadas e transcritas para o computador, também foram armazenadas para o CD. Onde será oferecido posteriormente ao Centro de Documentação e Memória da Educação Sul-Mato-Grossense (CEDOC-MS).

2.2 Infância e História de Vida

Eu sou Lucas Marcelino Duarte, vou fazer 27 anos, nasci dia 26/06/1989, na cidade de Botucatu, SP, e sou solteiro. É o que eu falo pros meninos que moram lá embaixo comigo na minha cela, eu não tenho nada que esconder de ninguém, minha vida é a mesma coisa de um livro aberto, dá pra todo mundo conhecer. Não gosto de esconder nada de ninguém, sempre falando a verdade, pra todo mundo ali ver, sou uma pessoa muito certa. Tenho meu temperamento curto, como é que falam, sou meio sistemático também.

A minha família é de Botucatu, meu pai, minha mãe e tenho mais 6 irmãos prá lá. É cinco irmãos pra lá e quatro pra cá. Meu pai se chama João Marcelino Duarte e minha mãe, Tereza Cristina de Arruda, meus irmãos: Fernando Marcelino Duarte, João Arruda Duarte, Jaime Marcelino Duarte, Jesus de Nazaré Duarte, Emílio Duarte, Ana Rosa de Arruda, Solange Duarte, Jandira Duarte, aí vem eu, sou o quarto filho, são seis homens e três mulheres. Eu morava no bairro União Júnior, perto da UNESP. Minha infância eu passei maior parte aqui no Mato Grosso do Sul, na região de Bataguassu, já meu pai veio pra cá em 85, eu não era nem nascido, só meu irmão mais velho e aí vieram todos.

No período dos seis anos, a vida lá, no estado de São Paulo era muito boa. Na época o meu pai era capataz com negócio de mexer com eucalipto, e a gente morava na cidade. Ia pra escola, tinha toda uma rotina, e na escola nessa época, eu ia muito bem.

Quando eu cheguei em Bataguassu eu tinha 5 ou 6 anos já, com 11 anos eu estava trabalhando em Rio Pardo com minha família. Meu pai mexia com carvoeiro ele era dono, e minha mãe era doméstica. Todos trabalhavam juntos. E a gente morava na carvoaria, e junto nesse lugar tinha outras crianças também, e a maioria das crianças estudava, e eu também estudava, estudei até os 12 anos. Com meus 12 anos eu sai da escola para ajudar meu pai e minha mãe.

Durante esse processo todo, era muito difícil, eu sei que era bem puxado, tinha que entrar em forno quente, tinha que puxar lenha pra fazer carga de carvão. Porque quando meu pai começou ele começou do zero, do nada, ele começou com cinco ou 6 fornhos e foi aumentando, foi aumentando e era da família mesmo.

Nós da família dava conta de mexer com aquilo ali, meu pai não queria mexer com empregado, só que foi muito puxado, em casa meu pai e minha mãe era de mais idade. Meu pai tinha 49, minha mãe tem 58. Então, eu tomei a decisão de não ir pra escola, pra ajudar meu pai e minha mãe. De nove filhos eu fui o mais apegado a eles, hoje em dia, se eu não tivesse aqui eu estaria junto deles... é, eu e meu irmão Fernando são os mais apegados ao pai e a mãe, hoje em dia, de nove filhos, mora só um com eles, meu irmão Fernando.

Depois dos meus doze aos catorze eu fiquei dois anos sem estudar, e depois dos catorze eu voltei a noite, e nesse período lá no estado de São Paulo, minha nota sempre foi boa na escola. Minha infância era difícil, pra todo mundo, principalmente naquela época que eu tinha treze ou catorze anos. Mexer com carvão, carregar caminhão de lenha pra despejar no forno, mas não me arrependo não, eu fiz isso aí pra ajudar meu pai e minha mãe.

E as brincadeiras com os meus irmãos, tinha muito esse negócio de brincar de esconde-esconde, polícia e ladrão, uhum, soltava pipa na fazenda. E depois que mudamos, eu fui pra Inocência morar na casa da minha irmã, já tinha de quinze a dezesseis anos já, uhum, depois de Inocência eu fui pra Cassilândia. Em Inocência fiquei dois anos, depois fui pra Cassilândia, ali em Cassilândia fiquei até 2014, e depois, vim direto pra cá, pro presídio.

2.3 Escolarização

A opção de sair da escola foi minha, pra ajudar meu pai e minha mãe, nunca repeti de ano, com vinte e sete anos tenho o primeiro completo, fiz EJA, estudei a noite, meu pai e minha mãe arrumou vaga para eu estudar de noite, em Bataguassu. Fui primeiro pra Bataguassu, depois pra Ribas do Rio Pardo, depois pra Inocência, de Inocência pra cá, pro presídio, nesse processo todo dos seis até meus dezoito ou dezenove anos, porque com dezenove eu fui preso, faz onze anos que estou aqui. E aqui chegou um papel porque lá constava que eu estava fazendo a quarta fase, como tem uma professora amiga minha e como eu fiz a sexta e sétima junto, elas transferiram pra Campo Grande, e aqui chegou falando que parei na sexta. A minha matrícula, inclusive, está com um psicólogo aqui.

Eu cá primeiro em Cassilândia, 2008 pra 2009. Aí depois eu saí e voltei pro tráfico de novo, aí desde então eu to aqui. Em relação a minha história com a Bia, estava um dia eu na cela dos trabalhadores, no pavilhão um, aí quando a Bia chegou ela desceu ali pro 3, eu logo descí, arrumei um bochichos ali e acabamos ficando juntos. Então, quando a gente começou a ficar juntos, gerou muito bochichos aqui na casa, os presos... que nós não podia viver junto na mesma cela, tinha que ser cela separada, não falaram nada em relação ao preconceito. Aqui, a única coisa que aconteceu foi que no dia que ela veio pra morar na mesma cela que eu tava, aí gerou um bochichos, mas não na cadeia inteira, só no pavilhão que a gente tava, no pavilhão três. Aí gerou bochichos, aí entrou um agente no meio, tinha uns que eram contra, e outros que não eram. E nessa cela tinha, fora nós dois, mais quatro, nós respeitava o espaço dos meninos.

Nós dormíamos juntos, mas não fazia nada pra respeitar o espaço dos meninos, os meninos do barraco sempre apoiou, nos bateu de frente com a cadeia inteira, nos não vai mudar, não vai mudar, não vai mudar... até que ficar. E ela nessa situação dizia que ia sair né... eu dizia não, pode ficar de boa... isso é só conversa, preso só fica ameaçando os outros pra ficar com medo, mas não acontece nada, só acontece assim quando tem crise, igual dias das mães, aí

sim acontece alguma coisa, agora, sobre essas coisas não acontece nada. Já o preconceito por a gente ficar juntos, teve. E quando batemos de frente eles disseram que não ia separar a gente, discuti com seu Júnior, me trouxeram aqui pra cima, aí ele me falou que a cadeia não tem local adequado, que inclusive não era só eu e ela, tem outros casos, um lá embaixo, aí eu falei não, todas as cadeias tem, só aqui que não tem. Antes de ir preso eu passei num presídio em São Paulo, depois que vim pra Cassilândia, lá tem cela separada pra quem é envolvido com as bixas, tem cela de bixa, tem cela de casado, tem as cela separada, assim, só os homi e só as bixas, e só nessa cadeia que não vi isso, Campo Grande tem, Dourados tem, Três Lagoas tem, todos esses lugares tem, até na Cassilândia, que é menor que aqui tem, e até nós começou bater de frente, mandei até carta pra Campo Grande pra aqueles que defende travesti lá. É que eu e ela queria morar junto na mesma cela.

No dia quem foi até que falou foi o André, ele falou que registrava e mandava, só que deu certo que teve uma irmã minha que acabou vindo que eu aí de Costa Rica, aí eu pedi pra ela registrar e mandar. Falando que nós estava sendo ameaçado, que não tinha lugar pra eu e ela porque fora a Bia e a Malu, teve mais duas que passou por aqui. Não tinha lugar adequado, o lugar que ficava era no forte ou coque. O coque é o lugar que ficava perto do isolamento, é duas celinhas que tem aqui no fundo. A minha mãe foi lá no fórum e pediu uma medida, aí eles pegam eu e jogaram nesse coque aí, vai deixar eu um bom tempo, usamos um bom tempo o forte e depois o coque, o forte é o castigo, por exemplo você volta com um flagrante que seja você paga dez dias lá tudo marcado, fomos pra lá porque não tinha outro lugar. A única alternativa pra nós dois ficarem juntos, queria um espaço. Um espaço pra nós, porque não estava tendo espaço pra nós conviver juntos na mesma cela, mas a intimidade, foi só depois do namoro que durou três meses. Eu aprendi muita coisa nessa caminhada, apreendi a respeitar o espaço do outro, aprendi a não mexer em nada de ninguém dentro da cela.”

2.4 Infância e Escolarização: relatos de vida da Bia

Esta entrevista ocorreu no local de trabalho da entrevistada, no período matutino, apresentando, assim, a história de vida de uma transexual, companheira do Lucas. A entrevista foi segmentada em história de vida escolarização. Ressaltando a receptividade da entrevistada, sendo ela muito educada e divertida.

2.5 Infância e História de Vida

Meu nome é Bia, nasci em Campo Grande. Minha história com a minha mãe foi assim: ela era empregada de uma casa, ela ficou grávida de mim e desde a gravidez ela já oferecia eu. E o pessoal que me adotou, que era o patrão dela, me adotaram só que não fizeram processo de adoção nem nada. Eu nasci, saí dali comigo aí me criaram um tempo, depois eu resolvi me virar sozinho.

Minha família não era muito pobre, mas a bebida e o álcool fez meu pai perder tudo, ele nem ligava mais pra família, a minha base sempre foi minha mãe, aí ela separou, foi embora de casa ele entrou em depressão. E eu por ser adotada, eu fui a primeira a perceber que minha mãe tinha ido embora, aí quando eu entrei assim no quarto da minha mãe e não tinha as roupas dela, eu já entrei em desespero. Aí procurei, procurei, não achei, fiquei um monte de dia sem saber onde ela tava, aí ela ligou, só que eu nunca julguei ela, ela sofreu muito. Nessa época eu tinha de quinze pra dezesseis anos.

Fiquei lá, eu e minha irmã, só que meu pai começou a passar muita necessidade, eu tinha um tio de consideração que chamava de tio Né, que me ajudava. Aí me levaram pra morar com eles um pouco, aí depois disso eu fui lá pra casa do meu vô biológico. Aí conheci ele que não conhecia, fui morar com ele, aí depois que me assumi gay fui morar com a irmã da mulher dele, que não é minha vó, mas chamo ela de vó, aímorei lá um bom tempo. Eles me aceitaram do jeito que eu era, nunca falaram nada, eu ia pra rua a noite quando fazia programa, nunca falaram nada.

A minha mãe biológica, eu sempre procurava ela, porque minha mãe me orientou a não ter raiva, sabe, só que ela me rejeitou muito, mesmo eu procurando ela. Eu liguei pra ela, e falei “bença mãe”, ela disse: você não tem que me dar bença, eu não sou sua mãe, sua mãe é quem te cria, depois disso nunca mais. Aí poucos dias eu vi ela, me pediu pra dar bença eu falei: você disse que não dava mais. Não chamo de mãe, chamo de Márcia.

De irmãos biológicos, tenho uma menina lá pro lado dela e mais um menino, eu tenho 25... 27 e 28. Eu não tinha registro, aí eu ia perder mais um ano de escola. Aí quem me alfabetizou foi minha vizinha, ela tinha escolarização, ela levava eu pra casa dela, ela fazia tarefa, fazia continha e eu passava por cima. Aí com oito anos que eu tirei a certidão de nascimento, aí comecei a ir pra escola. Por causa de todo processo de adoção ia demorar muito, aí quem me registrou foi minha mãe biológica.

Eu não faço mais isso sabe, o que eu acho bonito no Lucas é isso, e fala que não quer que eu mexa com coisa errada, pra ele não serve eu presa. Porque ele está pra sair também, se tudo der certo daqui quatro meses, só ano que vem.

E na escola o meu material escolar, meu pai comprava, mas teve uma época, por causa da pinga, essas coisas quem comprava era meu tio, era coisa boa, meu tio tinha dinheiro, era coisa boa. Eu tinha acompanhamento nas reuniões de pais, quando eu era pequena, depois que eu completei dezoito anos não.

Tinha participação dos seus pais, mais da minha mãe ia né? Aí quando eu era pequena, só reclamação. Eu batia nos outros, batia em mulher, me enfrentava assim eu metia a mão. Até quantos nove ou dez anos eu era assim.

A minha família, em relação a minha opção sexual, me abraçou, falou que me amava do mesmo jeito. Foi engraçado: um dia eu to lá em Campo Grande, homem e mulher também faz programa, aí eu to lá do outro lado onde ficava as mulheres, aí eu to indo assim eu vejo minha mãe, aí ela: o que você está fazendo aqui, eu falei o mesmo que você, pra mim eu sempre gostei de provocar ela. A gente tinha uma boa convivência, aí eu criticava ela da mesma forma, aí eu falei: por que? Eu não posso? Aí ela ficou queta, eu não vi mais. Quando falavam pra mim pequena que ela era puta, eu falei pra ela, eu já sabia. Ela mora em Campo Grande, até hoje.

Meu primeiro encontro com Lucas foi na cadeia aqui né, quando eu cheguei aqui eu tinha relacionamento com outro menino, mas eu não gostava, fazia ele de besta mesmo porque ele tinha condição sabe. Só que aí eu vi que aquilo não tava certo, a gente brigou, eu saí na porrada e tudo, aí eu saí, fui lá pro coque, no coque fiquei dois dias e fui pra uma cela, ali eu fiquei dois dias e subi pro pavilhão dois. Aí eu fui pro um, aí eu descii no pavilhão 3, o pavilhão do Lucas, eu descii pra falar com um outro menino, só que aí eu vi ele. Aí eu falei: Alexandre, quem é aquele moreninho ali? Ele é o Lucas, aí ele olhou pra mim e já foi, me chamou veio e pegou no meu peito, eu falei: é ele mesmo. Ai eu falei: não menino, não é assim não, aí eu direto inventava desculpa pra ver o menino e ia lá pra ver ele.

Quando eu chegava lá, eu falava: cadê o novinho bonitinho? Ele era bem mais novo que eu, aí a gente começou a conversar, conversar pela grade, até que um dia ele falou: vou mandar um mereuzinho, que é um bilhetinho pequenininho que tem lá dentro, aí eu pensei: antes dele mandar eu vou mandar um também, aí já entrei no meu pavilhão, já comecei a escrever e fiz os meninos entregar lá, aí demorou um pouco, chegou um pra mim. Aí foi eu falando que

gostei muito dele, que achei ele muito bonito, que a gente podia conversar, que eu ia adorar conhecer ele melhor. Aí ele falou também que gostou de mim, bastava eu querer. No dia dez de setembro eu desci pro pavilhão, do dia dez nós ficamos juntos até hoje.

2.6 Escolarização

Nunca achei que comigo teve muito preconceito, na escola sempre fui amiga de todo mundo, não sei se é porque eu era mais querido que as outras, isso quando eu era gay, eu me vestia de noite, só que eu ia pra escola como menininho, todo mundo gostava de mim, brincava comigo, só os gay eles não gostava. Era meu jeito, eu jogava vôlei com eles, me defendiam de tudo.

Eu tive problema na escola quando era mais novo porque eu sou adotado. Eu sou filho de criação, aí eu sofri desde pequenininho, eu sabia de tudo, minha mãe me orientava, mais algumas pessoas me chamavam de adotado, eu chorava, sabe? Até eu percebê que o valor daquilo ali é maior sabe, você tem duas mães. Só que eu e minha mãe biológica não se dá sabe, um bom tempo, vai dizer que uma é prostituta também, eu fui um bom tempo. Até na escola eu fui muito rejeitado por professores que eu não tinha certidão de nascimento. Eles me humilhavam falavam que eu não existia, pra todo mundo me deixar no canto.

Nesse período de escolarização eu estava lá em Campo Grande. Aconteceu muita coisa em Campo Grande, logo que eu me assumi homossexual eu fui pra rua, me ofereceram droga eu aceitei e logo comecei a vender. E fui presa a primeira vez, eu tinha vinte e dois anos, eu fui presa a primeira vez com 22. Só que assim, ninguém merece ficar preso né, só que lá a gente fica como quer, eles não ficam falando pra gente ficar como homem, só em dia de visita porque é dia de visita, né? Lá eu tive relacionamentos, mas depois que saí eu não quis. Lá no presídio de lá você estudava pela remissão, diminui a pena e estudava e trabalhava. Estudei até o 2º ano do Ensino Médio, então foi isso, aqui eu fui presa por causa da droga, a polícia parou de carro, eu mais dois meninos, a polícia parou eles correram e eu fiquei.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história oral nos permite conhecer e explorar as histórias das sociedades e culturas, através dos contos e registros de suas lembranças e experiências, arquivados assim com ajuda das entrevistas e documentos, pois o avanço da história oral nos possibilitou de maneira singular a valorização de algumas vozes silenciadas pela sociedade, as histórias de vida devem ser consideradas como um instrumento de reconstrução da identidade e do passado de um indivíduo, fornecendo assim materiais de estudos para possíveis gerações, conseguinte temos a memória como eixo primordial para que nossas lembranças sejam contadas e compreendidas, relatando assim sua identidade social.

Ao examinar a entrevista do Lucas e da Bia cronologicamente, partindo da infância, história de vida e escolarização, podemos salientar alguns pontos que nos ajudam a compreender suas histórias de vida e trajetória escolar.

Primeiramente, a respeito do que foi relatado pelo Lucas, é possível observar que a sua escolarização foi um período complexo. Sendo que durante a sua infância ter que abandonar os estudos para ajudar o pai na carvoaria prejudicou a sequência e continuidade de continuar na escola. Posteriormente, a oportunidade de concluir o primeiro grau só surgiu quando o mesmo estava na penitenciária, pois houve as divergências de documentos citadas por ele.

É preciso destacar que o trabalho na carvoaria, de acordo com o relato, era um trabalho difícil, que necessitava carregar peso e entrar em fornos quentes. O depoente afirma que foi escolha sua ajudar seus pais, nesta época Lucas tinha doze anos. A pouca idade não confere a Lucas a capacidade de julgar o que seria melhor ou não para a sua vida naquele momento. O trabalho duro e, conseqüentemente o cansaço, impediram-no de ir para a escola.

É visível também observar na fala do depoente a necessidade de afirmar que a sua vida é “um livro aberto” e não deve nada a ninguém. Isto pode estar relacionado à vida na penitenciária que não é privada, de acordo com sua fala. Sendo assim, a contínua afirmação de que sua vida seja um livro aberto, pode ser uma forma de defesa, diminuindo com isso, as conversas ou futuros comentários entre os presos.

Ao relatar a relação com a sua companheira dentro da penitenciária, é possível notar que o sistema penitenciário de Paranaíba não está adaptado para lidar com as diferenças de gênero. As ameaças sofridas, a falta de segurança, a falta de cela demonstram que há pouco preparo.

Assim como na fala do depoente, a citação apresenta que a realidade nas penitenciárias brasileiras é excludente e cruel. Na penitenciária, assim como "aqui fora", os que sofrem mais ou os mais oprimidos são aqueles que já estão em situação de vulnerabilidade, neste caso chamamos a atenção para os homossexuais e transexuais que são diariamente ameaçados por sua orientação sexual ou gênero.

A respeito dos relatos da Bia, consideramos que durante a sua infância ela não sofreu preconceito por sua sexualidade mais o preconceito aconteceu por ser adotada, relata inúmeros constrangimentos que passou na infância por sua mãe biológica rejeitá-la.

É possível verificar, pelo relato, que na maior parte da infância a Bia morou com parentes, por não ter documentos, e não conseguir matricular-se na escola, a depoente diz que foi alfabetizada por uma vizinha. Ela também ressalta que no tempo que ficou na penitenciária estudou para remissão de pena, conseguindo com isso terminar seus estudos.

Podemos observar que para ambos, no período de cumprimento de pena, foi possível a conclusão do primeiro grau. Além disso, neste período se conheceram e se apaixonaram.

Fica evidente, nos relatos, que mesmo com as dificuldades, o casal encontrou formas de se comunicar dentro do presídio, e conseguiram ficar juntos. Também foi relatado que ambos escreveram cartas para a Associação de Travestis de Campo Grande e para a Secretaria de Direito Humanos, o que, neste caso, pode ter influenciado para que conseguissem ao menos uma cela onde pudessem dormir juntos.

É necessário um olhar sobre a condição destes detentos, principalmente um olhar atento a respeito e as diferenças de gênero, e que tais diferenças não sejam motivos para ameaças e má conduta. E quando houver a necessidade de separar detentos, que todos os presídios tenham celas que ofereçam segurança aos que estão em condição de vulnerabilidade.

De acordo com o relato de ambos os depoentes, a medida encontrada pelos responsáveis do presídio em Paranaíba para as ameaças, e também para atender a necessidade imediata de uma ala específica para os detentos, que se relacionavam, foi alocá-los no coque e forte. Isto mais uma vez denuncia o despreparo do presídio para atender as diferentes identidades de gênero, colocando, com isso, os detentos em perigo, devido a uma sociedade preconceituosa, que não suporta lidar com as diferenças.

Esclarecendo assim que as celas citadas pelos entrevistados não eram apropriada para os relacionamentos dos envolvidos. As celas eram são para o uso restrito de isolamento no caso do coque, sendo assim um local para os indivíduos que de alguma maneira precisassem ficar isolados, e o forte é o local de castigo, quando acontece alguns problemas dentro da

penitenciária e o sujeito precise ser punido por algo que fez, essa é a alternativa encontrada pelo sistema para dar um pouco de “liberdade” ao casal.

A presente pesquisa teve como objetivo principal conhecer a trajetória de vida, desde infância, escolarização de dois indivíduos, sendo eles Lucas (heterossexual) e Bia (transexual), Lucas se encontra detido no Estabelecimento Penal de Paranaíba (EPPAR) produzindo fontes para futuros trabalhos, vinculados às diversas áreas do conhecimento. E, principalmente, nos fazer repensar sobre os conceitos de gênero e sexualidade na sociedade e na educação.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2006.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, P. História como memória social. In: _____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2000.
- CAMARGO, A. **História oral e história**. Rio de Janeiro, RJ: CPDOC, 1976. 17f., p.4-5 (Trabalho apresentado no I seminário Brasileiro de Arquivos Municipais. Niterói: UFF, 2 a 6 ago. 1976).
- CHAUÍ, M. **“Repressão sexual”**. Essa nossa (des) conhecida. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1984.
- COSTA, A. **A Educação sexual numa perspectiva de educação para a saúde**: um estudo exploratório na Escola Secundária Pluricurricular de Santa Maria Maior de Viana do Castelo. Braga: Universidade do Minho, 2006.
- COSTA, R. P. **Os onze sexos**: as múltiplas faces da sexualidade humana. São Paulo, SP: Gente, 1994.
- FREITAS, S. M. de. **História Oral**: possibilidade e procedimentos 2. ed. São Paulo, SP: Associação Editorial Humanistas, 2006.
- GUIMARÃES, I. **Educação Sexual na Escola**: Mito e realidade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- LE GOOF, Jacques. Documento/monumento. **Enciclopédia Einaudi**. V. 1: Memória – História. s / 1 (Portugal), Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. p. 95-106.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade, e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. São Paulo, SP: Vozes, 1997.
- MATIAS D.; SILVA R. (Ed.) **Perguntas e respostas sobre orientação sexual e identidade de gênero**. Lisboa: Rede ex aequo, 2011.
- MATOS, J. S.; SENNA, A, K. História oral como fonte: problemas e métodos. **História**, Rio Grande, v.2, n.1, p. 95-108, 2011.
- NEVES, M. de S. “História e Memória: os jogos da memória.” In: MATTOS, Ilmar Rohloff (Org.). **Ler e escrever para contar**: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro, RJ: Access, 1998.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** São Paulo, SP: EDUC, 1993. (Projeto História, 2010).

POLLAK, M. “Memória e Identidade Social.” **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992.

PLUMMER, K. **Documents of life: an introduction to the problems and literature of a humanistic method.** Londres: George Allen & UnWin, 1983.

QUEIROZ, M. I. P.de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.** São Paulo, SP: FFLCH-USP, Centro de Estudos Rurais e Urbanos CERU, 1983.

SCHMIDT, M.L.S; MAHFOUD, M. Halbwichs: memória coletiva e experiência. **Psicologia-USP**, v. 4, n. 1/2, p. 285-298, 1993.

THOMPSON, P. História oral e contemporaneidade. **História Oral**, 5, p. 9-28, 2002.

APÊNDICE

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: _____, nacionalidade brasileira, estado civil _____, profissão _____, portador da Cédula de Identidade RG/Cédula de _____, emitida pelo _____, e do CPF nº _____, domiciliado e residente na Rua/Av./Praça _____.

A pesquisa realizada para a conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) foi orientada pelo Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes, pesquisador da UEMS/Unidade Universitária de Paranaíba.

CESSIONÁRIO: Nilza Fernanda de Sousa graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Universitária de Paranaíba. Residente e domiciliada na Rua Marco Antônio Rodrigues de Freitas, n. 130 Paranaíba, MS.

OBJETO: Entrevista gravada e transcrita exclusivamente para que a acadêmica Nilza Fernanda de Sousa, possa utilizar-se dos depoimentos em estudos; pesquisas; eventos acadêmicos; artigo; dissertação; livro; monografia; trabalho de Conclusão de Curso; revistas; teses; e outros.

DO USO: Declaro ceder a Nilza Fernanda de Sousa pesquisadora na cidade de Paranaíba, em _____, num total de aproximadamente ____ minutos de gravação e de _____ laudas de transcrição. Sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei-a.

Comprometo-me a utilizar as cópias dos depoimentos da Sra. _____, constando das transcrições das entrevistas, exclusivamente para a finalidade declarada acima e de acordo com as normas previamente estabelecidas pelo Centro de Documentação e Memória da Educação Sul-mato-grossense (CEDOC-MS), sediado na Unidade Universitária de Paranaíba (UEMS). Declaro estar ciente de que a utilização indevida dos depoimentos, transgredindo dessa forma as normas de consulta e utilização do qual tenho conhecimento e, das disposições de direitos autorais (Lei nº 9.610 de 19.2.1998), ficando, portanto, sujeito às penalidades por ela prevista. Quaisquer outras formas de utilização e divulgação não previstas nas mencionadas normas necessitam de autorização expressa do depoente ou herdeiro. Ficando conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas acadêmicas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Paranaíba, ____ de novembro de 2017.